

Nome: Eduardo Garcia

Exercício de Análise de Curtas de Gabriela Amaral de Almeida

Analizando os curtas apresentados da cineasta Gabriela Amaral de Almeida nota-se diversos traços em comum que assumidamente se tornam a sua marcante assinatura.

Em A Mão que Afaga de 2010 é proposto pela diretora desde o início atmosferas opressoras que permeiam todo o curta, seja na empresa de telemarketing onde a protagonista trabalha onde para causar desconforto com a ambiência foram colocados nos monitores dos computadores telas com uma tecnologia retrógrada e que não é agradável aos olhos de quem vê, causando certo incômodo. No apartamento onde moram mãe e filho, onde se passa maior parte do curta, optou por utilizar uma luz sempre dura, que quase sempre desenha sombras nas paredes ou no rosto de seus personagens, propondo algo oculto em cada um deles.

Em meio a atmosfera opressora temos Estela, que tem tentativas de quebrar toda esta tensão e estranheza deste universo. Seja ao tentar animar o monossilábico filho com um presente de aniversário adiantado ou ao puxar conversa com o estranho urso sentado em seu sofá. Durante o curta em questão é também comum a utilização de artifícios para a quebra de clímax na narrativa, como na cena onde Estela conversa com a mãe da criança convidada da festa e é evocado o assunto sobre os olhos azuis do filho que são diferentes ao da mãe solteira, ou na cena onde ela pergunta ao urso sobre sua aparência. A interrupção acaba por ser um ruído ou uma mudança brusca de assunto no diálogo.

O que resta a personagem Estela é algo que encontra em si mesma para que a conforte no fim de tudo. Um afago em si própria.

No curta Estátua!, de 2014 a diretora reforça predileção no cinema de gênero, mostrando diferenciais e até mesmo certos clichês do gênero horror, porém usados de forma correta dentro da narrativa. Novamente nota-se uma atmosfera na ambientação, desta vez colocada de uma forma selvagem, tal como uma selva colocada em forma de adesivos nas paredes da sala, ou com os animais que decoram o lugar através de figuras ou quadros nas paredes do quarto da babá Isabel.

Desde a primeira cena o animalismo está presente, seja quando a mãe que está partindo em viagem chama a menina Joana que está atrás de uma grande planta ou quando a mesma mãe se refere ao bebê que Isabel está gestando como um filhote em sua barriga. Vemos neste curta mais uma vez o contraste de alguém fora do lugar, um oprimido.

Desta vez quem protagoniza é uma futura mãe solteira, personagem que ao mesmo tempo está em seu ápice como gênero feminino da

espécie humana, gerando uma vida dentro de si. Temos também alguém que teme por ser responsável por outra vida, que teme por ela, e que sente insegura pelo fato de ter de colocá-la no mundo e de criá-la sozinha.

Em Estátua!, Gabriela propõe o domínio de quem envolve alguém que é escolhido como presa ou mero adorno, invocando o domínio através do sobrenatural onde uma figura tem o poder da escolha de quem vive ou deixa de viver em seu domínio.

Nos curtas da diretora são utilizados frequentemente como agentes opressores dentro do universo narrado figuras não presentes, quase sempre por telefone, como o cliente que ofende de forma pessoal ao ser-lhe ofertado um cartão de crédito ou o namorado que fere a frágil gestante ao rejeitar ela e ao filho.

É notado que Gabriela Amaral abraça o gênero de horror povoando suas narrativas com o sobrenatural, invocando o absurdo e jogando seus personagens nestes universos duros.